

I

E n t r e v i s t a :

Nossas relações com

o Mundo Invisível



1. Fala-se muito sobre o Mundo Invisível ou Espiritual. Qual é a sua localização?

Sim, é verdade. Fala-se muito a respeito do Mundo Invisível, do Mundo dos Espíritos, do Além. Em todas as crenças e em todos os tempos, o ser humano teve, fosse por intuição ou pela própria revelação dos Espíritos, a concepção da existência desse *lugar* para além da Terra.

Houve, contudo, em virtude dos estados de maturidade dos indivíduos e das sociedades por eles formadas, a necessidade de localizar essa *região*. Assim, tomamos contato com os *Campos Elíseos*, com o *Sheol*, com o *Hades*, onde acreditava-se que viviam os mortos, os Espíritos.

Com os ensinamentos que nos chegaram com o texto de *O Novo Testamento*, tanto achamos Jesus Cristo afugentando Espíritos atormentadores, aqui, ou dialogando com Espíritos enobrecidos, acolá, que passamos a admitir que tais Espíritos estão por toda parte no seio da humanidade.

Ainda em *O Novo Testamento*, o Apóstolo Paulo afirma que *estamos cercados por nuvens de testemunhas*. Em *O Livro dos Espíritos*, apresentado por Allan Kardec, o sistematizador do Espiritismo, temos informações de que os Espíritos tanto podem conhecer nossos mais íntimos pensamentos quanto podem influenciar-nos em nossos pensamentos e atos. Isso nos faz crer que estamos imersos num *oceano espiritual*.

Consideramos, então, que o que distingue o mundo material ou corpóreo do que chamamos Mundo dos Espíritos ou Além são tão só os seus estados de vibração. A matéria propriamente dita impõe uma baixa na frequência com que vibra o Espírito, funcionando como se fosse um abajur, um quebra-luz.

O Mundo dos Espíritos constitui-se no mundo normal primitivo – aqui, o termo *primitivo* não significa inferior nem

atrasado, mas se refere a original, inicial. Dessa maneira, o Além é aqui. Nele estamos todos imersos, os *vivos* e os *mortos*, distanciados apenas pelas frequências nas quais se expressam uns e outros.

2. O Espírito André Luiz, por meio da mediunidade psicográfica de Francisco Cândido Xavier, diz que a proporção de desencarnados para encarnados é de 4 para 1. Refere-se ele à nuvem de testemunhas mencionada pelo Apóstolo Paulo?

Se partirmos dessa proporção apontada pelo Espírito André Luiz, poderemos refletir sobre dois pontos importantes para a vida na Terra.

a) Uma vez que a população desencarnada é quase o quádruplo da de encarnados – pelo menos quando foi apresentada essa proporção – significa que, de fato, estamos mergulhados num mar de seres espirituais, ou, se quisermos filosofar com Platão, num mar de eidos – de psiquismos (em Homero, a psique, separada do corpo físico, era considerada como um ser mais ou menos material, *eidolon*, que habitava o Hades e que aparecia sob forma de algo como uma fumaça, volátil, uma espécie de sombra);

b) Por outro lado, se estamos imersos nesse oceano psíquico, que abunda em toda parte, isso nos faz crer que existe uma comunhão, uma vinculação entre os psiquismos que vibram numa mesma frequência, ou em frequências próximas, o que reafirma aquilo que se pode chamar de *lei das afinidades*, sendo que teríamos os diferentes níveis e tipos de vínculos afins, que é o que vemos mundo afora.

Os fenômenos da afinidade nos remetem aos pensamentos a respeito dos grupos humanos existentes, que se baseiam em suas simpatias (afinidades) em níveis profissionais, artísticos, esportivos, religiosos, viciosos ou mesmo criminosos.

3. Se há, então, influência entre os dois mundos, somente os médiuns deverão ser vigilantes para com seus atos ou isso serve para qualquer indivíduo?

A partir do pensamento kardequiano de que todos os seres humanos são mais ou menos médiuns, tendo em vista que é muito raro achar alguém que nunca tenha sido sensibilizado por Espíritos, não importam as intensidades ou os níveis dessa sensibilização, todos nós somos passíveis de contatar ondas oriundas da mente de outros indivíduos encarnados (vivos) e também desencarnados (mortos), segundo a lei das afinidades.

Os fenômenos dos contatos psíquicos são tão comuns, tão naturais, que quase nunca são percebidos pelas pessoas envolvidas, ressalvados os que tenham conhecimentos sobre esses fenômenos, que passam a se dar conta de sua ocorrência, ou, ainda, os que sejam portadores de significativos canais mediúnicos – tendo ou não conhecimentos formais –, que se aperceberão das ocasiões em que essas influências se darão. Visto desse modo, caberia a toda e qualquer pessoa o cuidado com os tipos e níveis de sua atividade psíquica, dos pensamentos que elabora, uma vez que não são apenas os religiosos ou crentes que se acham imersos nesse oceano psíquico, mas todas as criaturas que vivem no planeta.

4. Segundo o Espiritismo, a mediunidade serve também como ferramenta de auxílio e socorro aos desencarnados sofredores e até mesmo aos obsessores. Não poderiam os Espíritos superiores tratar dos desencarnados diretamente, sem necessitar da contribuição dos médiuns?

De fato, são os Espíritos Superiores os grandes tratadores das almas em sofrimento de quaisquer naturezas que chegam ao Além. A contribuição que os médiuns encarnados dão

aos trabalhos dos Espíritos Superiores é de pouca relevância, quando consideramos as condições intelecto-morais gerais dos médiuns.

Em sã consciência, não podemos admitir que com o pouquíssimo tempo dedicado aos deveres mediúnicos – isso quando se tem médiuns dedicados –, uma ou duas horas por semana, consigamos grandes atuações no socorro aos sofredores ou obsessores de quaisquer tipos.

De outro modo, torna-se difícil imaginar que consigam oferecer grandes ajudas ao Mundo Invisível, médiuns que ainda não conseguiram se libertar dos seus vícios, quaisquer que sejam; médiuns que ainda estão presos a paixões perturbadoras, a mágoas, ciúmes, invejas e mesmo ódios; médiuns que sofrem de grave bibliofobia e que optam pela ignorância, preferindo inventar falsas explicações para as peripécias da vida ao invés de buscarem as dignas respostas que o Espiritismo tem para nós; outros médiuns que, lamentavelmente, estão mais interessados em apresentar-se com seus minguados poderes e com egos inchados do que em servir de pétreo suporte sobre o qual possam levantar-se a luz, o entendimento, a saúde e a paz para si e para todos.

É fora de dúvida que os médiuns encarnados ofertam a sua cooperação aos Guias Invisíveis, nos labores aos quais se acham ligados. Porém, os referidos Guias precisam ser dotados de profundo espírito de compreensão, de intenso amor ao próximo e de uma crística paciência, a fim de que consigam atender as necessidades dos desencarnados infelizes e ainda contornar as deficiências – quase sempre alimentadas e mantidas sob diversas justificativas – de grande número dos médiuns que se apresentam dizendo querer trabalhar no bem, mas que, no fundo, não conseguem, sequer, trabalhar em si mesmos, no esforço por superar as suas más inclinações ou suplantar suas amplas limitações.

5. É comum que pessoas se deem conta de sua mediunidade, bem como do Espiritismo, e sintam, a partir daí, o desejo de formar um grupo espírita. No entanto, Léon Denis, o continuador do legado de Allan Kardec, relata em seu livro *No invisível* que “a constituição dos grupos comporta regras e condições cuja observância influi consideravelmente no resultado a alcançar. Muitas tentativas tornam-se infrutíferas, grande número de grupos não tem mais do que uma existência efêmera, em consequência da falta de paciência, de dedicação e de coesão.” Pelos seus conhecimentos e experiência, poderia nos relatar quais as melhores diretrizes para o êxito nesse tipo de empreendimento?

Para o êxito de qualquer formação espírita, sejam grupos de estudos espíritas ou reuniões práticas de Espiritismo, as quais são chamadas reuniões (ou sessões) mediúnicas, há que se dar atenção a alguns itens bastante importantes, indispensáveis mesmo:

- a) Objetivo superior: Desejo de dedicar-se a uma atividade do bem valendo-se das instruções dos nobres Espíritos, Guias da humanidade;
- b) Vontade de dar sentido à existência terrena: Anseio de romper os laços da ignorância; amor pelos estudos, amor que se desenvolve aos poucos, desde que o interessado imponha a si mesmo algumas disciplinas, a fim de obter êxito; anseio por servir aos irmãos do caminho evolutivo, sem ingenuidade, mas consciente de que as pessoas são como são e que a elas caberão o desejo, a vontade e a iniciativa de aplicar as suas vidas os conhecimentos adquiridos no Espiritismo;
- c) Saber atuar em equipe: Será sempre complicada a iniciativa de formar um grupo espírita por parte de indivíduos absolutistas, que querem ser os donos e dizer sempre a última pa-

lavra; por outros que são verdadeiros *laissez-faire*, que desejam agradar a todos em qualquer ocasião; por aqueles que detestam agir, servir, trabalhar, se mover; por outros que se conformam com um grupo de leitores e discutidores inúteis, para os quais rezar muito e transferir aos desencarnados responsabilidades humanas é o bastante.

Num grupo espírita deveremos ser sempre irmãos e servidores uns dos outros, sem transigir, porém, com os princípios e fundamentos do Espiritismo, conforme no-lo entregou Allan Kardec. Não deveremos perder a capacidade de utilizar o ensinamento do Cristo a respeito da coerência que devemos ter, na oportunidade de que o nosso falar seja *sim, sim; não, não*.

A quem participe do grupo caberá desenvolver em si próprio o gosto pelos estudos sérios da Doutrina Espírita, empenhando-se em incentivar, em sensibilizar outros companheiros para trilharem os mesmos afortunados caminhos.

Certos de que o Espírito de Verdade, nas páginas espíritas, nos conclama ao amor e à instrução, deveremos envidar nossos melhores esforços para que o grupo espírita que venhamos a formar, ou aquele onde atuamos, não se distancie, ainda que minimamente, dessa dualidade, a fim de que seja madura e venturosa a nossa cooperação com as sociedades em que vivemos.

6. O Espírito Emmanuel, guia espiritual do médium brasileiro Chico Xavier, recomendara-lhe, outrora, que para obter bom êxito na execução do trabalho espírita, necessitaria de disciplina, disciplina e disciplina. Seria a repetição da palavra um simples reforço para enfatizar a vital importância da disciplina para o médium ou essa palavra tem outras abrangências?

O importante é que essa repetição da palavra disciplina, não sendo apenas uma figura de linguagem ou um reforço da ideia, leva-nos a verificar o quanto essa virtude é importante e imprescindível para qualquer pessoa que anseie por realizar com a sua melhor perfeição alguma atividade no mundo.

Indaguemos aos músicos e bailarinos, por exemplo, a respeito da disciplina que necessitam ter, para que se apresentem com seus virtuosismos, conseguindo arrancar aplausos e reconhecimento populares. Horas e horas de ensaios exaustivos; necessidade de repetir o que não esteja suficientemente bom; o balanceamento da alimentação para que o corpo esteja em boa forma e não lhes cause desagradáveis surpresas.

Perguntemos aos atores – de teatro, cinema ou de televisão – e aos atletas desportivos sobre a disciplina que têm que ter, de modo a se exhibir galhardamente, tornando-se verdadeiros ícones da interpretação cênica e da superação dos limites corporais. Horas e horas de ensaios e treinos exigentes; as repetições que lhes são impostas incontáveis vezes, o bom trato e exercício da memória; o respeito aos valores nutricionais dos alimentos que consomem, para que, no momento de suas apresentações, tudo saia conforme foi programado para a busca do sucesso.

Os médiuns não são diferentes. Há necessidade de disciplina no uso que fazem de tudo o que a vida lhes confere. Não comer demais nem de menos, mas como a sua constituição física o exige. Evitar o alcoolismo – que nos retira da plena lucidez e do controle das nossas ações – uma vez que não sabemos em que momento poderemos ser acionados para a ação do bem.

Cuidar dos conteúdos que são lidos ou assistidos, bem como dos assuntos que são conversados, sem nenhuma neurose, por

saber que a mente – instrumento principal no trabalho dos médiuns – fica impregnada desses produtos que tanto interferirão nos processos de concentração e da filtragem psíquica quanto perturbarão com a eclosão de cada momento de cenas, textos e falas indevidas de que se haja nutrido. Enfim, é fundamental todo o cuidado com o mundo íntimo, com a vida moral que se leva cotidianamente, a fim de dar boa conta dos compromissos espirituais da mediunidade.

Temos aí alguns motivos pelos quais o médium Francisco Cândido Xavier, tutelado espiritual de Emmanuel, conseguiu atuar na mediunidade luminosa e útil, ao longo de mais de 70 anos, como fiel intérprete dos Espíritos Superiores, bem como benfazejo enfermeiro socorrista dos Espíritos sofredores, encarnados e desencarnados, sem reclamações ou queixas, sem exigências de ordem material, sem exibicionismos de quaisquer tipos, vivendo a virtude do amor a Deus e ao próximo com total desinteresse pessoal.

As disciplinas vividas por Chico Xavier transformaram-no no maior modelo de médium para os nossos dias e para os tempos porvindouros do nosso planeta.

(Entrevista concedida à *Spiritist Magazine* publicada nos Estados Unidos da América do Norte, em julho de 2009)